



DEU REAGENTE! VOU MORRER?": INFLUENCIADORES DIGITAIS E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE COMO VIVER COM HIV/AIDS.

“DIO REACTIVO! ¿ME VOY A MORIR?”: LOS INFLUENCERS DIGITALES Y SUS ENSEÑANZAS SOBRE VIVIR CON VIH/SIDA.

“GAVE REAGENT! AM I GOING TO DIE?”: DIGITAL INFLUENCERS AND THEIR TEACHINGS ABOUT LIVING WITH HIV/AIDS.

Dilan Magnus¹

Carin Klein²

RESUMO

O diagnóstico positivo para o HIV/aids implica em (des)aprender maneiras de ser e estar na cultura. Nesse sentido, os influenciadores digitais Lucas Raniel e Vitor Ramos, através dos *reels* de seus perfis do Instagram, buscam ensinar seus seguidores modos de viver com a infecção. Ambos são PVHA e produzem conteúdos direcionados para a promoção dos cuidados em saúde e prevenção às ISTs. Nosso objetivo foi analisar quais as (des)construções de preconceitos e estigmas em torno da infecção são acionadas e como as normativas de gênero e sexualidade são transgredidas ou reiteradas nos corpos das PVHA. Nossa pesquisa está embasada no campo dos Estudos Culturais em Educação, considerando os seguintes aportes teóricos: representação (HALL, 2016), pedagogias culturais (ANDRADE; COSTA, 2015) e gênero e sexualidade (BUTLER, 2020a; PRECIADO, 2014). Foi possível identificar através das análises a construção de masculinidades desviantes da norma e as estratégias acionadas no enfrentamento ao estigma e preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Instagram. HIV/aids. Estudos Culturais. Gênero e Sexualidade.

RESUMEN

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, Rio Grande do sul, Brasil.

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Docente do Programa de Pós-graduação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, Rio Grande do sul Canoas, Rio Grande do sul.

El diagnóstico positivo para el VIH/SIDA implica (des)aprender formas de ser y estar en la cultura. Los influencers digitales Lucas Raniel y Vitor Ramos, a través de los carretes de sus perfiles de Instagram, buscan enseñar a sus seguidores formas de vivir con la infección. Ambas son PVVS y producen contenido destinado a promover la atención de la salud y prevenir las ITS. Nuestro objetivo fue analizar qué (des)construcciones de prejuicios y estigmas en torno a la infección se desencadenan y cómo se transgreden o reiteran las normas de género y sexualidad. El campo de los Estudios Culturales en Educación, considerando las siguientes contribuciones teóricas: representación (HALL, 2016), pedagogías culturales (ANDRADE; COSTA, 2015) y género y sexualidad (BUTLER, 2020a; PRECIADO, 2014). Fue posible identificar a través de los análisis la construcción de masculinidades desviadas de la norma y las estrategias activadas para enfrentar el estigma y el prejuicio.

PALABRAS-CLAVE: Instagram. VIH/SIDA. Estudios culturales. Género y Sexualidad.

ABSTRACT

The positive diagnosis for HIV/AIDS implies (un)learning ways of being and being in the culture. In this sense, digital influencers Lucas Raniel and Vitor Ramos, through the reels of their Instagram profiles, seek to teach their followers ways to live with the infection. Both are PLWHA and produce content aimed at promoting health care and preventing STIs. Our objective was to analyze which (de)constructions of prejudices and stigmas around infection are triggered and how gender and sexuality norms are transgressed or reiterated in the bodies of PLWHA. Our research is based on the field of Cultural Studies in Education considering the following theoretical contributions: representation (HALL, 2016), cultural pedagogies (ANDRADE; COSTA, 2015) and gender and sexuality (BUTLER, 2020a; PRECIADO, 2014). It was possible to identify through the analyzes the construction of masculinities deviant from the norm and the strategies activated in coping with stigma and prejudice.

KEYWORDS: Instagram. HIV/AIDS. Cultural Studies. Gender and Sexuality.

* * *

Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo analisar as representações de masculinidades de homens gays cisgêneros vivendo com HIV/aids na rede social Instagram. Por meio da busca com filtros de pesquisa auxiliados pelos usos de *hashtags* e/ou de palavras-chave como HIV, aids e soropositivo, foi possível localizar diversos perfis de usuários que se identificam como pessoas vivendo com HIV/aids.³ Nesse sentido, elegemos os perfis de dois influenciadores digitais, Lucas Raniel e Vitor Ramos, e delimitamos um recorte temporal para a análise dos vídeos de *reels* publicados no período de 2020 a 2022. Essa escolha foi pautada por

³ Doravante PVHA (abreviação) – Pessoa Vivendo com HIV/aids, para melhor fluidez do texto.

ambos trabalhem em suas redes sociais veiculando lições e ensinamentos sobre prevenção, diagnóstico e tratamento para o HIV/aids e outras ISTs,⁴ assim como por possuírem um elevado número de seguidores.

Destacamos que esta pesquisa está inserida no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero e Sexualidade em aproximação com teóricos/as pós-estruturalistas. Para a análise dos perfis e dos *reels* assumimos a análise cultural e a etnografia de virtual como percursos teórico-metodológicos. A escolha do material empírico teve como recorte os *reels* que tratavam do reconhecimento do diagnóstico positivo do HIV e dos sentidos atribuídos nesse processo. Nosso objetivo neste artigo centra-se em analisar quais as (des)construções de preconceitos e estigmas em torno da infecção são acionadas nesses *reels* e a análise de como as normativas de gênero e sexualidade são transgredidas ou reiteradas nos corpos das PVHA.

Operando uma análise cultural no Instagram

Operar uma análise cultural no Instagram exigiu a vinculação com um campo de estudos que maximizasse a noção de Educação e compreendesse os/as seus/suas usuários/as em suas postagens dotados/as de um fazer pedagógico. Nesta seção, discutimos o aparato teórico-metodológico que possibilitou tal articulação para a concretização do objetivo da pesquisa. Dessa forma, compreendemos os criadores dos perfis como sujeitos que ensinam e disseminam pedagogias da prevenção, assim como dos modos de viver e lidar com o diagnóstico para a infecção e enfrentamento da sorofobia. Ao produzirem conteúdos na rede social voltados para o público PVHA, ensinam maneiras de ressignificarem o diagnóstico positivo para HIV/aids e a como enfrentar o preconceito e estigma.

Esta pesquisa foi produzida no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero e Sexualidade assumindo uma perspectiva pós-estruturalista. Sob a guisa de Stuart Hall (1997), tomamos a cultura como produtora de sentidos e significados para os sujeitos na contemporaneidade. Atravessada pelas relações de saber e poder ela é atravessada constantemente pelas disputas e negociações de sentidos para as coisas. Para tanto, as linguagens ganham destaque em nossas discussões na medida

⁴ IST (abreviação) – Infecções sexualmente transmissíveis.

em que as tomamos como *produzidas por*, ao mesmo tempo em que são *produtoras das* relações sociais.

Convergimos com Bonin et al. (2020) ao concentrarmos nossos esforços em compreender como a cultura atua no cotidiano dos sujeitos, constituindo e produzindo subjetividades. Esses locais da cultura podem ser lugares não institucionalizados, mas disseminadores e produtores de saberes, ensinamentos, comportamentos e normas. Nessa linha, tomamos o Instagram como um desses locais que se propõem a ensinar sobre a prevenção do HIV/aids, tanto atribuindo e negociando sentidos, como também criando formas de representar quem é soropositivo por meio das publicações que veiculam comentários, sons, fotos, vídeos, números de curtidas e visualizações nos conteúdos postados.

Tomamos a compreensão de Educação para além da sua atuação nos espaços escolares e formais, considerando-o em sua amplitude como um conjunto de processos “[...] pelos quais indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura.” (MEYER, 2012, p. 50). Nessa perspectiva somos levados a pensar nos variados locais da cultura, como a *internet* e as redes sociais, dotados de uma dimensão pedagógica (STEINBERG, 1997). O que nos possibilita refletir acerca de quais e de que forma essas subjetividades são atravessadas e produzidas.

Acionar o conceito de pedagogias culturais (ANDRADE; COSTA, 2015) torna-se uma estratégia importante, haja vista que possibilita posicionarmos os perfis de Lucas Raniel e Vitor Ramos como produtores de ensinamentos que visam conduzir as práticas dos sujeitos. Acreditamos que o fazer pedagógico realizado por ambos possui a finalidade de atribuir sentidos aos corpos, às sexualidades e às masculinidades, assim como à soropositividade. Ao elegermos homens cisgêneros homossexuais como foco de análise, percebemos que esse fazer educativo, em torno do diagnóstico positivo, produz formas de representar e de instituir sentidos, disputados por eles nessa rede social.

Esses processos de produção, conforme as teorizações de gênero e sexualidade, nos advertem acerca das dificuldades em escapar de normativas e regulações de um sistema heteronormativo. Partimos das discussões que consideram o gênero e a sexualidade como práticas e os seus exercícios demarcados por uma matriz referencial heterocentrada. Logo, a heterossexualidade constitui-se como um esforço repetitivo de inscrição de gênero que através da “divisão e fragmentação dos corpos” (PRECIADO, 2014, p. 25) produz masculinidades e feminilidades. Portanto, a produção do gênero e

da sexualidade são entendidas como constructos sociais, isto é, um fazer através das práticas de si e de como os sujeitos se constituem em meio às discursividades (BUTLER, 2020a). Nesse sentido, afastamo-nos dos essencialismos e das explicações biologizantes sobre o corpo e o sexo e nos aproximamos das compreensões dos sujeitos atravessados pelas linguagens.

Dessa forma, tomamos o gênero e a sexualidade como marcadores identitários que regulam e produzem subjetividades através de um aparato binário que conduz, nomeia e descreve as práticas dos sujeitos como masculinas e femininas. A heteronorma delimita quais padrões são considerados aceitáveis ou não dentro de uma cultura produzindo “gêneros inteligíveis” (BUTLER, 2020a, p. 43). Isto é, corpos e práticas que constituem uma relação de coerência entre sexo, gênero e sexualidade, bem como daqueles/as que transgridem essas regulações. As (in)conformações com o sistema regulatório de sexo-gênero permitem analisar a formação de masculinidades dentro da rede social Instagram que por ora se aproximam e outrora se afastam dessa matriz, como veremos nas análises, vinculadas a uma suposta estratégia de criar outras formas de viver com HIV/aids.

A matriz referencial do sexo-gênero é compreendida a partir das discussões sobre masculinidades propostas por Raewyn Connell (1995) pelo pressuposto da hegemonia. Compreendemos a masculinidade como uma forma de performar o gênero pelos sujeitos (BUTLER, 2020a), produzindo representações com base em uma matriz hegemônica que conforma os corpos e os distingue de maneira binária entre masculinos e femininos. Tais processos não ocorreriam de maneira tranquila, mas através de técnicas sutis que visam coibir determinadas performances e manter uma relação de coerência entre sexo-gênero.

Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres (CONNELL, 1995, p. 189-190).

Desta forma, analisarmos os perfis de homens gays cisgêneros vivendo com HIV/aids foi estratégico para identificarmos como a soropositividade se relaciona com as construções de masculinidades, em especial, dos homossexuais cisgêneros. Assim como refletir sobre como o diagnóstico positivo altera as dinâmicas sociais das PVHA, com ênfase para homens cisgêneros gays. Tendo definido as nossas ferramentas teóricas, pretendemos na próxima seção apresentar os perfis de Lucas Raniel e Vitor Ramos, o material empírico selecionado e a ferramenta da etnografia de virtual que possibilitou operarmos a análise cultural.

Influencers da prevenção

A usualidade do termo influenciador digital tornou-se recorrente na atualidade, circulando desde manchetes de jornais a alvo de pesquisas acadêmicas, com o fenômeno sendo descrito como uma nova prática dos sujeitos colocarem-se na cibercultura. Embora essa prática de exibir-se na internet com o intuito de alcançar visibilidade e possíveis ganhos financeiros remonte ao final do século XX, haveria uma nova ênfase dada aos formatos, como os conteúdos são produzidos e como modificam os nossos cotidianos. Iniciamos essa seção pensando possíveis acepções acerca das funções desempenhadas pelos/as influenciadores/as digitais e as suas implicações em nossa cultura.

As redes sociais adquiriram um destaque tanto pelos seus potenciais mercadológicos que possibilitaram a exploração da exposição da intimidade como forma de geração de rendimentos através da monetização dos conteúdos postados e a possibilidade de lucrar através da parceria com a divulgação de marcas. Outro fator ocorre pela facilitação do acesso dos/as usuários/as e da ampliação das redes de telefonia no Brasil e da oferta de *smartphones*. Para a pesquisadora Isaaf Karhawi (2017) há uma guinada discursiva mediante as condições de emergência para os sujeitos da internet adquirirem o *status* de profissionais da internet, transicionando de blogueiros/as para influenciadores/as digitais. Nessa linha:

Influenciador digital dá nome a uma prática profissional que está atrelada a relações com marcas, empresas e pessoas convertidas em ganhos monetários. Qualquer um pode ter influência [...] Qualquer um pode ter um canal no YouTube, um blog, uma conta nas redes sociais digitais [...]. Qualquer um pode ser influenciador – desde que atue

nesse mercado, jogue as regras específicas desse campo, produza nas plataformas requeridas, exerça habilidades e competências próprias dessa nova profissão. (KARHAWI, 2017, p. 60).

Nos anos 1990 e 2000 predominavam os micro *blogs* com as narrativas sobre si, dicas de filmes, produtos, etc. A era dos/as blogueiras/os parece ter sido transformada com a criação das redes sociais e das plataformas de *streamings* a partir de 2005. Percebemos também que ocorreu uma mudança de ênfase de um modelo textual dos *blogs* para um modelo audiovisual nas redes sociais (SIBILIA, 2016). A emergência dos/as *influencers* estaria possibilitada pela pluralidade de redes sociais, na atualidade facilitando o alcance a qualquer sujeito que possua o aparato tecnológico necessário para produzir fotos e/ou vídeos. Entretanto, é necessária uma capacidade de adaptação aos variados formatos e modelos necessários para gerar engajamento e visualização de conteúdo, em que cada plataforma possui as suas regras próprias para funcionamento.

Outro recurso que auxiliou em compreender a inserção dos sujeitos dentro das redes sociais como influenciadores digitais foi a categorização realizada por plataformas de negócios, como a Youpix. A empresa é uma consultoria de negócios, representando marcas como Itaú, Magalu, Latam, Centauro, P&G, Pinterest, etc. Atua na promoção de cursos de formação para influenciadores digitais e auxilia marcas na busca e escolha desses profissionais para realizar a divulgação de seus produtos. Acreditamos que a classificação realizada por essa empresa auxilia a compreendermos a inserção de Lucas Raniel e Vitor Ramos dentro do Instagram.

Com base em três fatores, “alcance, ressonância e relevância” (YOUPIX, 2017), isto é, a quantidade de seguidores, o engajamento, a repercussão de seus conteúdos e o quão passíveis de gerar um consumo, torna-se possível percebermos a aproximação com o conceito de influenciadores de ecossistema, que é definido por possuírem um menor público, menos de 100 mil seguidores, mas serem especialistas dentro das suas áreas de atuação – no nosso caso, HIV/aids. Ainda que a denominação de especialista seja questionável, haja vista que não estamos falando de profissionais diplomados e/ou certificados para discutirem tal temática, apropriamo-nos de tal conceito, pois a representação criada dentro de suas redes sociais visa constituir uma imagem de especialistas no enfrentamento ao HIV/aids, como perceberemos na análise de seus perfis.

Anterior à definição de Lucas Raniel e Vitor Ramos para compor o *corpus* de análise desta investigação, realizamos buscas por perfis através da ferramenta de

pesquisa do Instagram, visando localizar homens gays vivendo com HIV/aids. Para tal, utilizamos *hashtags* como #HIV, #AIDS, #VivercomHIV, #soropositivo para realizar a busca por postagens ou descrições de perfis que utilizassem essas *tags*, localizando um total de 10 perfis. Com o recurso de uma tabela, categorizamos com base no número de seguidores e na quantidade de postagem e fluxos de interação, sendo os perfis de Lucas Raniel e Vitor Ramos os que possuíam maiores números, tornando-se profícuos para a análise.

Ademais, para realizar tais escolhas algumas implicações éticas foram necessárias para guiar este trabalho. Em primeiro, baseamo-nos no caráter de figuras públicas adotados por ambos os influenciadores digitais e as maneiras pelas quais o *status* de PVHIV é enunciado em ambos os perfis. Para tanto, verificamos que a utilização de termos como: “vivo com HIV”, “HIV+” ou “venci a Aids” que podem ser visualizados, logo nas descrições dos perfis, denotam que a soropositividade dos influenciadores não é algo que estaria guardado em um “segundo armário” (DUQUE; SEFFNER, 2022, p. 105); isto é, invisibilizada para manter uma suposta coerência com as normativas de gênero, sexualidade e de não soropositividade. Pelo contrário as suas vivências com HIV/aids são narradas quase de forma majoritária nas publicações de vídeos, fotos e *reels* tanto nos usos de *hashtags* como no conteúdo propriamente dito, como veremos nas análises, assumindo uma dimensão política.

Ainda que estivéssemos alinhados com os termos de utilização do *Instagram*⁵, aos quais todos/as usuários/as concordam ao aderirem a rede social, que permitem e possibilitam a análise dos dados para a produção de pesquisa e inovação, outro tensionamento parecia persistir. Exibir ou não as imagens dos influenciadores selecionados; ou seja, mantermos ou não em anonimato os produtores dos conteúdos que compõe o material empírico deste trabalho. Partindo das discussões de Zago et. al (2016) em que os modelos de ética em pesquisa são referenciados por uma hegemonia biocêntrica; ou seja, pressupõe-se que as relações entre pesquisadores e participantes ou sujeitos envolvidos na pesquisa sejam as mesmas nas áreas médicas, clínicas, biomédicas e no campo das ciências humanas e sociais. Como explicam os/as autores/as:

⁵ Disponível em: https://help.instagram.com/581066165581870?helpref=faq_content. Acesso em: 24 de jul. 2023

O modelo biocêntrico assenta-se na separação entre as posições de pesquisador/a (sujeito do conhecimento) e objeto do conhecimento (pesquisado/a), além de pressupor o controle total de todos os passos, etapas e possíveis efeitos das experimentações. Esses elementos são indispensáveis por se tratarem de pesquisas clínicas cujos procedimentos intervêm na materialidade orgânica dos corpos dos/as pesquisados/as. (ZAGO *et al.*, 2016, p. 192).

Nesse sentido, manter o anonimato parecia assentir com um formato de pesquisa dentro do campo das Ciências Humanas, em especial da Educação, que reificava o modelo biocentrado de produção de pesquisa; isto é, invisibilizando os sujeitos da pesquisa e reafirmando um desengajamento político entre pesquisadores/as. Para além do mais, poderia “significar a reificação de certas relações de estigmatização” (ZAGO *et al.*, 2016, p. 200) no sentido de que as regulações de gênero e sexualidade operam pelos regimes de invisibilidade e de exclusão. Sob a guisa de Judith Butler (2020b) entendemos que produzir um enquadramento para essa pesquisa que visibilizasse os sujeitos dela seria possibilitar circunscrevê-los dentro de uma cena de reconhecimento que os tornasse inteligíveis e não como seres abjetos ou não dignos de serem mostrados.

Compreendemos que tal ação também parte dos próprios influenciadores, tendo em vista as diversas reportagens jornalísticas sobre ambos que circulam em portais de notícias como G1⁶, CNN⁷, entre outros, que visam discutir a vivência com HIV/aids. Longe de ser um segredo para os/as seus seguidores/as, sob a guisa de um “segundo armário” proposto por (DUQUE; SEFFNER, 2016) que inspirados pelo conceito na epistemologia do armário de Segdwick (2007) entendem que o HIV/aids, assim como a homossexualidade são produzidos pela prerrogativa do segredo. Logo, entendemos que tornar tal fato público visa provocar fissuras nas regulações que buscam invisibilizar, silenciar e transgredir essa lógica.

Entendemos que também somos subjetivados pelas produções que analisamos e os nossos modos de viver são cooptados pelos discursos dos influenciadores digitais. Nosso intuito com este trabalho não seria o de desvalidar ou colocar em xeque o trabalho realizado por Lucas Raniel ou Vitor Ramos, mas o de analisar com base no pensamento pós-crítico como são produzidas as noções de viver com HIV/aids em seus *reels* do Instagram e como são articuladas as ferramentas de enfrentamento ao estigma e

⁶ Disponível em <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/08/28/aids-levou-minha-visao-do-olho-direito-e-limitou-meus-movimentos-diz-jovem-que-incentiva-diagnostico-precoce.ghtml> Acesso em 24 de jul. 2023.

⁷ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/testagem-e-principal-forma-de-prevencao-afirma-influencer-que-vive-com-hiv/> Acesso em 24 de jul. 2023.

à sorofobia. Para tanto, passamos a uma breve apresentação de seus perfis e como operamos uma articulação entre análise cultural e a etnografia virtual, prática permitida e validada pelo campo dos Estudos Culturais em Educação.

FIGURA 1: Captura de tela do perfil de Lucas Raniel no Instagram



Fonte: https://www.instagram.com/lucasrael_/.

Na figura acima temos uma captura de tela do perfil de Lucas Raniel no Instagram. Atualmente ele possui mais de 80 mil seguidores⁸ e 696 publicações entre fotos e vídeos. Em sua descrição na rede, possui o selo de Criador(a) de conteúdo digital, disponibilizado pela plataforma para sinalizar que se trata de uma conta empresarial ou comercial, assim como de um produtor de conteúdos com certa relevância dentro da rede. Já para o/a usuário/a são disponibilizados alguns recursos como o monitoramento de visualizações, seguidores e curtidas filtrados em períodos diários, semanais ou mensais. Além do mais, algumas instruções são disponibilizadas sobre como realizar uma fotografia ou vídeo de qualidade para obter mais seguidores/as. O selo também propicia estar numa vitrine para marcas e possíveis patrocinadores realizarem parcerias.

Outras descrições fornecidas pelo influenciador evidenciam a sua vinculação com as pautas relacionadas ao HIV/aids, tais como a utilização das palavras-chaves vivo com HIV, ao lado de seu nome e “@vivocomhiv”, “Saúde. Autocuidado. HIV/ISTs”. Tais estratégias estariam articuladas ao intuito de gerar engajamento e tornar-se localizável dentro dessa rede social (JENKINS, 2009; JENKINS et al., 2014). Outras palavras como “comunicólogo, palestrante, consultorias” são colocadas em destaque, a fim de produzir uma representação associada a suposta autoridade e/ou especialidade sobre os assuntos que circulam em seu perfil, para que usuários/as, como nós, desejando

⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/lucasrael_/. Acesso em: 22 abr. 2023.

informações sobre HIV/aids, obtemos fácil localização sobre o assunto. Passamos a seguir para o perfil de Vitor Ramos no Instagram:

FIGURA 2: Captura de tela do perfil de Vitor Ramos no Instagram.



Fonte: https://www.instagram.com/_xramos/.

Atualmente, Vitor Ramos possui 47 mil seguidores⁹ e 1.236 publicações entre fotos e vídeos. Em sua descrição também são visualizadas palavras como “HIV+” ou “Venci a AIDS” como recursos para facilitar a sua localização na rede social. Em ambos, não foram possíveis verificar a data de criação dos perfis. Chama atenção nesse perfil o uso da palavra “palestrante positHIVo” junto de “militante” colocadas em destaque, ou seja, cria-se a estratégia de produzir-se como um especialista e ou autoridade para a discussão do HIV/aids, tal como no perfil de Lucas Raniel. Os dois influenciadores produzem conteúdos, por meio da divulgação de vídeos, desde o reconhecimento da soropositividade, que inclui a mudança de seus *status* para positivo, além de marcar suas atuações como influenciadores da prevenção e enfrentamento à epidemia do HIV/aids.

Em composição da análise dos perfis utilizamos a etnografia virtual prática advinda do campo da antropologia, que possibilita analisarmos os espaços digitais em suas potencialidades e dinâmicas (HINE, 2004). A pesquisadora Shirlei Sales (2012) descreve que esse tipo de metodologia é aplicado, no campo da Educação, com o pressuposto de investigar as produções de subjetividades nas comunidades virtuais e como são constituídos os ensinamentos sobre ser e estar tanto no mundo virtual (*online*) quanto fora das redes (*offline*).

⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/_xramos/. Acesso em: 22 abr. 2023.

A observação no ciberespaço demanda, além do domínio da linguagem específica, o domínio do saber tecnológico e a habilidade em operar na interface ser humano-computador. Requer ainda o saber acerca da utilização das ferramentas disponíveis, dos caminhos mais eficientes, dos atalhos que agilizam a interação com o computador, dos recursos que possibilitam o maior acesso às informações, dos meios disponíveis para interagir com as/os demais usuárias/os. (SALES, 2012, p. 121).

Através dessa metodologia é exigido do/a pesquisador/a que esteja atento às dinâmicas das redes sociais e às distintas maneiras de se relacionar que são estabelecidas entre os sujeitos. No caso do Instagram, a utilização de um diário de campo com anotações sobre os perfis, a utilização de capturas de telas e gravação de vídeos foi útil devido à efemeridade desse espaço virtual. A utilização de planilhas, como as do Excel, foram importantes para a realização de uma catalogação de todos os vídeos produzidos, por ambos, no período de 2021-2022, estabelecidos no recorte do número de visualizações acima de 60 mil. Sendo que o critério estabelecido para classificação foi baseado nos seus endereçamentos e objetivos, em torno da prevenção e dos sentidos para as PVHA (ELLSWORTH, 2001). Dessa forma, para este artigo selecionamos dois *reels* que são direcionados a ensinar práticas de como lidar com o diagnóstico positivo e o combate à sorofobia, conforme a tabela a seguir.

TABELA 1: Seleção de *reels* dos influenciadores digitais

Perfil	Título do vídeo	Número de Visualizações	Data de Postagem
Vitor Ramos	#trend #hiv #explore	242.000	23/09/2021
Lucas Raniel	MORTE É RENASCIMENTO!	64.700	20/11/2020

Fonte: Elaborada pelos/as os/as autores/as (2023)

Nesta seção, realizamos a apresentação dos influenciadores digitais e os objetivos de nosso estudo e as características na atualidade do trabalho desempenhado por ambos dentro dessas plataformas. As duas próximas seções apresentam as análises realizadas no material empírico descrito aqui. A primeira com os significados atribuídos a sobre viver com HIV/aids e a segunda voltada para as discussões sobre sorofobia, preconceito e estigma.

Lucas Raniel: renascer para o HIV/aids

O diagnóstico positivo para HIV/aids implica uma série de mudanças que devem ser assumidas pelas PVHA em suas rotinas. Como discutido por Jeane Felix da Silva (2012), é necessário (des)aprender formas e maneiras de relacionar-se consigo mesmo e com os próximos quando se é infectado pelo vírus. Essas alterações no cotidiano passam desde realizar o tratamento, que no Brasil é fornecido de forma gratuita e exclusiva pelo Sistema Único de Saúde (SUS), até mesmo a adoção de uma dieta alimentícia e a realização de exercícios físicos com vistas a manutenção do sistema imunológico. Desta forma, essas mudanças são incentivadas no intuito de possibilitar maneiras de viver mais e melhor.

A revelação do diagnóstico positivo pode ser analisada por três dimensões, como apontado pela pesquisadora Elizabete Franco Cruz (2005):

[...] quando alguém (geralmente um adulto familiar, profissional de saúde ou voluntário de casa de apoio) vai “contar” para eles que eles têm HIV/AIDS [...] quando eles vão contar para alguém que são portadores¹⁰ do HIV/AIDS e; por fim, ainda existe a possibilidade de alguém contar para outrem que eles são portadores do HIV/AIDS. (CRUZ, 2005, p. 188)

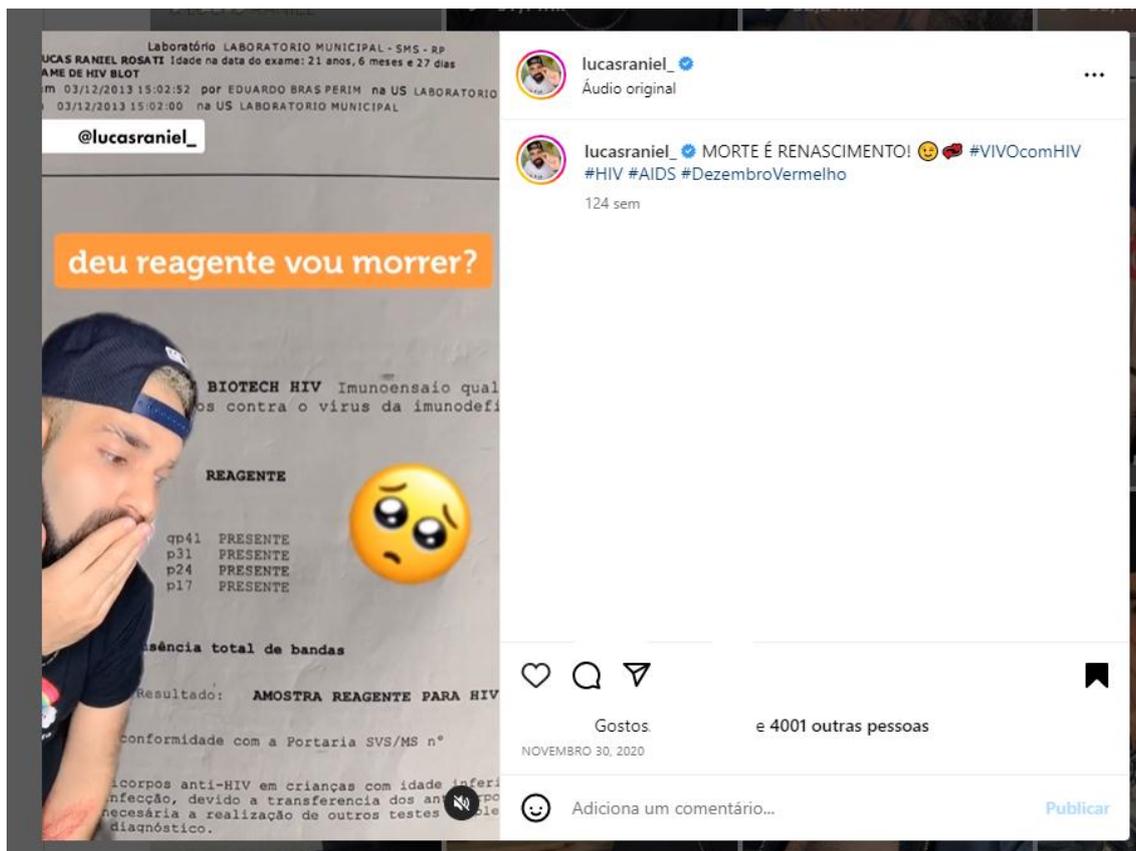
Em primeiro, tomamos que a revelação do diagnóstico para o sujeito envolve posicioná-lo dentro de um sistema identitário soropositivo. Sendo esse geralmente carregado de sentidos negativos e pejorativos construídos nas primeiras décadas de epidemia, que vinculavam a imagem de “corpos desterrados” (SANTOS, 2002) marcados pelas chagas da aids – sarcoma de kaposi – magros e/ou com lipodistrofia. A segunda envolve assumir essa identidade, o que nem sempre acontece de maneira pacífica e tranquila, baseados na metáfora de Eve Sedgwick (2007) acerca da epistemologia do armário, que credita ao sistema heteronormativo proibições para formas de existência que transgridam as regulações de gênero e sexualidade; em outras palavras, colocar no armário práticas que não são compreendidas como coerentes às normativas de sexo-gênero. As construções sobre o diagnóstico positivo por muitas

¹⁰ Caberia ressaltar que na época da publicação da tese de doutoramento da professora Elizabete Franco Cruz (2005) a palavra em uso mais correto para denominar uma pessoa vivendo com HIV/aids era portador. Entretanto, a mesma entrou em desuso com o avanço das pautas sobre desconstrução do estigma e preconceito na década de 2010.

vezes são mantidas em pequenos círculos de amizades e/ou familiares, tendo em vista o medo de ter sua identidade vinculada às representações que circulavam até início desse século.

O *reel* analisado do perfil de Lucas Raniel com título de “Morte é Renascimento”¹¹ possui mais de 64 mil visualizações e remonta a essa dimensão dos cuidados em saúde consigo mesmo. Isto é, quando o diagnóstico positivo é revelado pelo sujeito através do exame médico, utilizando da antítese em que morte significa renascer e de um conjunto de *hashtags* como #vivocomhiv, #hiv, #aids e #dezembrovermelho, nessa linha, o influenciador busca, para além do engajamento possível, colocar em circulação novos sentidos para o diagnóstico positivo como veremos a seguir.

FIGURA 3: Captura de tela *reel* Morte é Renascimento do perfil Lucas Raniel



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CIOMd9EnUZn>.

Em relação aos usos da *hashtags*, destacamos a #DezembroVermelho, tendo em vista que a publicação foi realizada próxima ao Dia Mundial de Combate a Aids – 01/12

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CIOMd9EnUZn/>. Acesso em: 22 abr. 2023.

–, relacionada à campanha instituída pela Lei n. 13.504/2017 (OMS, 2017), que foca no mês de dezembro uma grande mobilização em prol do enfrentamento à pandemia do HIV/aids. No período, estratégias publicitárias são mobilizadas como a iluminação de prédios públicos na cor vermelha, a promoção de palestras, eventos e circulação de testagem em massa em lugares públicos, como em parques, avenidas e centros de eventos culturais. Já em relação ao título, percebemos uma antítese diante do significado das palavras morte que é renascimento, em que o diagnóstico (que anteriormente anunciava a morte) não necessariamente implica o término da vida; mas implica assumir novos modos de viver frente à infecção.

A palavra renascimento, em seus possíveis significados dicionarizados, segundo o dicionário Priberam, possui as possíveis interpretações: “1. Nascer de novo. 2. Renovar-se; rejuvenescer. 3. Tornar a aparecer; ressurgir; germinar de novo. 4. Emendar-se; corrigir-se.” (RENASCIMENTO, 2022). Nesse sentido, a antítese utilizada aqui pelo influenciador digital visa demarcar o diagnóstico positivo como esse momento em que o abandono de práticas antigas deve ser realizado para esse novo momento marcado pela soropositividade. O vírus que circula na corrente sanguínea não afeta apenas o sistema imunológico, mas as formas como o sujeito deve viver e se relacionar com o próprio corpo. A morte já não é mais literal, porém a metáfora indica o fim da soronegatividade e o renascer para a vida com HIV/aids. A filósofa Susan Sontag (2007) descreve esse processo como o separar eles de nós.

Esse processo de separação implica (e pressupõe) viver também a masculinidade de outras maneiras em relação às existências, tanto conformadas à heteronorma como às masculinidades homossexuais existentes. Dessa forma, as masculinidades soropositivas são produzidas como outras dissidências tanto do sistema regulatório como das pretensas transgressões gays. As discussões de Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013, p. 260) corroboram com a nossa tese, tendo em vista que na masculinidade hegemônica existem formas de “ascendência social de um grupo de homens sobre todos os outros homens”. Em nosso caso, de homens cisgêneros heterossexuais sobre os homossexuais, e dos homossexuais em relação aos que vivem com HIV/aids.

O processo de morte e renascimento descrito por Lucas Raniel também pode ser significado pelas mudanças de uma possível masculinidade aceita para outra marginalizada. No decorrer desse *reel* perceberemos as transições entre as formas de masculinidades apresentadas. Inicialmente, temos uma sequência de imagens em que predomina o cenário da sala de espera de um ambulatório médico. Em suas vestimentas,

Lucas Raniel utiliza uma camisa preta com um arco-íris estampado, com a inscrição “*Be a pornstar*”, com um boné para trás, dando um ar de jovialidade. O símbolo do arco-íris é fortemente vinculado ao movimento LGBTQIAP+¹² e funciona como uma escolha política, formando a vinculação da imagem do influenciador digital com o seu pertencimento identitário ao movimento, já a inscrição “*Be a pornstar*”, em tradução literal “seja uma estrela pornô”, funcionaria como uma ironia ou um chamado para que se viva a sexualidade de forma intensa.

O uso do boné, a presença de barba, a sobrancelha grossa e falhada visa se aproximar de uma masculinidade gay que não necessariamente viva com HIV/aids. Por conseguinte, a representação dessa imagem saudável e jovial se torna parte de uma estratégia que estaria possivelmente vinculada a normalizar a imagem de quem vive com HIV/aids em contraposição às fotos e imagens que circulavam na mídia em décadas passadas, de corpos magros e marcados pela aids. Nesse sentido, essas construções não produzem transgressões com a heteronormativa, mas constituem-se como reiterações da normatividade.

FIGURA 4: Captura de tela com sequência de cenas do *reel* Morte é renascimento do perfil Lucas Raniel



¹² Sigla do movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras variadas formas de expressões da sexualidade.



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CI0md9EnUZn>.

Nesse momento passaremos à discussão da sequência de imagens, apresentadas na figura anterior, e as legendas que as compõe. A primeira cena é realizada dentro da sala de espera de um consultório médico e a expressão facial de Lucas Raniel é a de preocupação acompanhada da legenda “Sala de espera do teste de HIV”, reforçando o momento de tensão. Utilizando o recurso de filtros do Instagram, a segunda cena serve como reforço desse momento tenso em que os limiares entre ser ou não positivo caracterizam uma situação de perigo eminente. Na sequência, o fundo torna-se o resultado do teste e a legenda “Deu reagente vou morrer?”, e no fim desse ciclo a imagem de “Morte”.

A associação entre diagnóstico e morte, como discutida por Herbert Daniel (2018) e corroborada pelo argumento de Paula Treichler (1999), que o HIV/aids é caracterizado por uma epidemia de significações, seria através dos usos da linguagem que se realiza a construção de um discurso moralizante e conservador ao qual Lucas Raniel visa desconstruir. A colagem entre tratamento e indetectabilidade é uma estratégia também que visa enfrentar o preconceito e o estigma conforme estabelecido pelo Unids (2018). Tornar-se indetectável, além de suprimir a carga viral no organismo e impedi-la de infectar outros corpos, possibilita que as PVHA se relacionem com pessoas soronegativas sem riscos de transmitir sua infecção. Para tal, é necessária uma adesão correta ao tratamento.

A vinculação de tratamento com os medicamentos – terapia antirretroviral –, apontada ao final do vídeo pelo influenciador, está alinhada também com ênfase dada às políticas públicas desenvolvidas na atualidade para o enfrentamento do HIV/aids. A utilização de verbos no imperativo ao final do vídeo, como “Ressignifique” e “Busque”, funciona como uma convocatória para que as PVHA percam o medo de viver com a infecção e para isso é necessário buscar o tratamento. Reagente não necessariamente implica em morte, porém é necessário assumir novas posturas em relações as suas formas de viver e se relacionar no mundo tanto para uma boa adesão a TARV¹³ como para os cuidados consigo mesmo. Esta "confiança no sistema perito biomédico" produziria um certo tipo de “fé” no tratamento, como afirmado por Lucas Melo (2020) ao analisar um grupo de jovens vivendo com HIV/aids, na rede social *Facebook*, através das postagens, dos comentários e das tensões geradas nas discussões que, no geral, circulavam em torno das medicações e do fornecimento de tratamento. Nesse sentido, as renitências apontadas pelo autor vão de encontro com as produzidas por Lucas Raniel em que o sentido político da pandemia perde força em detrimento de um sujeito liberal e autônomo. Ainda como discutido por Silva (2012), as dimensões dos cuidados em saúde que o sujeito assume a partir do diagnóstico devem ser repensadas pelos sujeitos.

Ainda no terreno do HIV/aids, o cuidado consigo – que, neste caso, é indissociável do cuidado com o outro – se desdobra em um cardápio repleto de itens que são indicados (ou melhor, prescritos) e que inclui, por exemplo: usar preservativo/camisinha em todas as relações sexuais (sejam elas anais, orais e/ou vaginais), fazer acompanhamentos regulares das condições de saúde, ir ao/à infectologista com frequência, alimentar-se bem, praticar atividades físicas, fazer adesão ao tratamento com antirretrovirais e/ou outros medicamentos. Para atender tais práticas de cuidado com a própria saúde (e, também, com a saúde de parceiros/as sexuais e afetivos/as, por exemplo) são necessárias mudanças nos hábitos, no estilo de vida, no comportamento e nas práticas sexuais. Nesse contexto, é preciso, pois, desaprender hábitos anteriores ao diagnóstico para aprender novos hábitos, práticas e comportamentos. (SILVA, 2012, p. 81).

O diagnóstico positivo para o HIV/aids produz ensinamentos, que estão contidos nesse *reel*, direcionados às construções de masculinidades engajadas com os cuidados em saúde. Como discutido por Deborah Lupton (2000, p. 27), “expressar preocupação acerca da saúde de alguém é frequentemente considerado não masculino”. Nesse

¹³ Terapia antirretroviral.

sentido, esses espaços de saúde, como um consultório médico representado no vídeo, constituem-se como lugares do não masculino. Assumir uma soropositividade e cuidar-se implica transgredir certas normas de gênero que posicionam os sujeitos que frequentam esses espaços como menos masculinos que os não frequentadores. Alguns fatores estariam envolvidos na construção desses espaços, por um lado as políticas públicas em saúde, que direcionam as discursividades às mulheres cisgêneros e por outro a própria constituição do espaço e das ações, como destacam os/as pesquisadores/as Thiago Pinheiro e Márcia Couto:

Tomando-se por referência as ações programáticas da atenção primária, porta preferencial do sistema público de saúde e com foco voltado para a prevenção, vê-se que essas direcionam prioritariamente a atenção para as mulheres, crianças e idosos (os dois últimos sendo tratados como assexuados). Além disso, os programas disponibilizados nesses espaços oferecem à mulher uma cobertura de atendimentos em todas as fases da vida, o que não ocorre ao homem que, especialmente na fase adulta, tem limitadas vias de entrada e acolhimento nos serviços. (PINHEIRO; COUTO, 2008, p. 64).

O renascer para o HIV/aids indicado por Lucas Raniel implica em assumir outras formas de masculinidades que realizam práticas que são significadas como femininas, ou seja, adotar os cuidados em saúde que no geral são direcionados a mulheres cisgêneros. A representação de estar em uma sala de espera de um ambulatório, tomado como um espaço da atenção primária, se torna uma estratégia de desconstruir algumas regulações da heteronormatividade que naturalizam as práticas.

Ainda em relação ao renascer percebemos que estaria alinhado ao que é chamado de “nova aids” por Julia Simões (2018) termo cunhado ao realizar uma pesquisa exploratória em redes sociais de paquera voltadas para homens que fazem sexo com homens (HSH). Segundo a pesquisadora a geração que vivenciou a pandemia de HIV/aids em suas primeiras décadas; isto é, a “velha aids” foi marcada pelo medo e pela certeza de morte. Já as gerações de jovens que vivem a década atual de pandemia em que a cronicidade da doença e os métodos de prevenção e tratamento prometem uma vida normal; isto é, sem grandes riscos de adoecimento. Entretanto, as interfaces do preconceito e estigma nas falas analisadas dos jovens usuários de 20 a 30 analisados mostram que as preocupações advêm da ordem do medo de isolamento e da rejeição. Nesse sentido, afirma a autora que uma “pessoa que convive com HIV e aids ainda

segue se percebendo e sendo vista como uma espécie de cidadão de segunda categoria” (SIMÕES, 2018, p. 333).

Ainda em relação às construções de masculinidade analisadas no vídeo, as expressões absortas que são assumidas pelo influenciador promovem uma ruptura com os ideais hegemônicos (CONNELL, 1995) de uma masculinidade pautada na força, ao permitir se mostrar fragilizado com o diagnóstico e com as expressões de tristeza que rompem com a representação “inabalável” do homem cisgênero que não deve esboçar emoções ou sentimentos. Entretanto, ao final do vídeo, somos levados a uma representação de uma masculinidade otimista e que necessita dar novos (e aprender) sentidos à existência, isto é, mesmo que se esteja abalado pelo diagnóstico é preciso ser resiliente e ressignificar a sua condição sorológica recém desvelada.

Vitor Ramos: sorofobia, estigma e preconceito na 5ª década do HIV/aids

A epidemia de HIV/aids no decurso de suas cinco décadas de existência constitui-se na década de 1980 como uma doença de transmissão sexual de gays, travestis, prostitutas/os e usuários/as de drogas. O discurso médico produziu uma enfermidade carregada de sentidos culturais e sociais (SONTAG, 2007), fomentando a exclusão de sujeitos considerados como um risco para a sociedade. No final da década de 1980 e por boa parte dos anos 1990 houve um deslocamento da noção de risco descentrando do sujeito para os seus comportamentos. Tal política caracterizou-se como um movimento para redução do estigma e do preconceito, desarticulando a noção de grupos, em contrapartida culpabilizava e responsabilizava os indivíduos por suas ações. O que promoveu uma cisão entre infectados/as e possíveis novos/as hospedeiros/as (AYRES et al., 2012).

A emergência do conceito de vulnerabilidades nos anos 2000 tornou-se uma ferramenta estratégica contra as diversas formas de violência sofridas pela população de pessoas vivendo com HIV/aids. Pautada na garantia de direitos humanos, essa estratégia foi articulada na concepção de suscetibilidades que não são homogêneas a toda população. Nesse sentido, abarca-se a noção de que os sujeitos estão inseridos em contextos de vulnerabilidades que podem propiciar uma maior ou menor chance para a infecção (MANN, 1995). Essas novas concepções visavam realizar um descolamento entre homossexualidade, promiscuidade e infecção realizada nas primeiras décadas da

epidemia, que acabavam por produzir estigma e preconceito contra as PVHA (TERTO JR., 1999).

O vídeo produzido por Vitor Ramos discute uma segunda dimensão do diagnóstico atrelada a lidar com os outros, ou seja, quando revelamos aos círculos de amigos/as, conhecidos/as, familiares a sorologia positiva para o vírus. Assim como as possíveis formas de lidar com o preconceito, o estigma e a rejeição que as PVHA sofrem pelas representações ainda circulantes de viver com HIV/aids. Para discutir tal temática, elegemos o *reel*¹⁴ com título de “#trend #hiv #explore”, que visibiliza essa dimensão. Atualmente, ele possui mais de 244 mil visualizações no Instagram, tendo sido postado em 23 de setembro de 2021.

Na figura a seguir temos uma captura de tela realizada com uma das duas cenas que compõe o *reel*. Na composição das filmagens, Vitor Ramos usa alargador branco nas orelhas, boné marrom com a sigla NYC - *New York City* e abaixo um emblema da bandeira dos Estados Unidos. Nos olhos utiliza óculos em formato arredondado e em seu sorriso se percebe o uso de aparelhos dentários. Sua vestimenta é composta por uma jaqueta *jeans*, uma camisa cinza, e é possível ver o uso de um acessório, do tipo de uma corrente, utilizada no pescoço e que é tapada pela imagem.

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CULZn1LgR3h>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FIGURA 5: Captura de tela *reel* do perfil Vitor Ramos

Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CULZn1LgR3h>.

A utilização de vestimentas que estão vinculadas com representações joviais e descoladas torna-se uma estratégia de desvinculação com as imagens estereotipadas das PVHA produzidas pela mídia tal como a capa da revista *Veja* de 1989 (VEJA, 1989), que estampava o cantor Cazuza em seus últimos dias de vida. A partir das discussões de Stuart Hall (2016) sobre estereótipo entendemos que essa prática funciona pelo viés da diferença; isto é, a circulação de determinadas imagens visa produzir uma segregação entre os sujeitos, em nosso caso pode-se pensar em corpos positivos e negativos. Romper com a lógica da soropositividade marcada pela falta de saúde, tônus muscular ou de uma aparência feia e até monstruosa é direcionado a criar uma normalização sobre o que é viver com HIV/aids. Por isso, apresentar-se bonito, saudável e jovial estaria ligado à busca de construir novas compreensões sobre o *status* positivo. Ainda que tal construção esteja sobre o custo de vincular-se a representações de masculinidades hegemônicas (CONNELL, 1995).

A gravação desse *reel* foi realizada em um plano próximo com um ângulo plano. Dessa forma, é possível visualizar do tórax até o rosto de Vitor com a utilização de um cenário com fundo branco e levemente iluminado. O *reel* é dividido em duas cenas, sendo a primeira com ele batendo palmas de forma moderada com uma música de fundo que sincroniza com as batidas das mãos. A primeira legenda diz: “Porque você precisa perder o medo de se relacionar com quem vive com HIV...”, e na sequência temos a frase “Pra gente Tr4s4r (transar)”. O influenciador leva as mãos em direção à câmera como se estivesse constrangido ou como se não fosse intencional essa legenda. Esse vídeo mobiliza mais alguns tipos de ensinamentos que passaremos a discutir.

A luta contra os neoconservadorismos da atualidade é um dos ensinamentos perpassados por esse *reel*. Segundo a pesquisadora Flávia Biroli (2020), algumas pautas do campo progressista causaram revoltas em setores religiosos conservadores de igrejas neopentecostais. O material anti-homofobia produzido em 2011, que seria distribuído nas escolas públicas brasileiras, tinha como intuito realizar uma educação em torno da diversidade e da diferença. Entretanto, foi severamente atacada ganhando a alcunha depreciativa de “kit gay”, ou seja, um material que supostamente visaria tornar os/as estudantes brasileiros/as gays. Tal reação acompanhou movimentos reacionários que já circulavam na América Latina, promovendo um combate à suposta ideologia de gênero sob a prerrogativa de uma proteção da família.

A família, que supostamente estaria sob ataque, seria aquela do modelo nuclear burguês da revolução industrial (BIROLI, 2014), baseada no modelo homem cisgênero (pai), mulher cisgênero (mãe) e os/as filhos/as (cisgêneros). Formato esse que atendia as demandas do sistema capitalista e que através do aparelho estatal regulava os corpos e as sexualidades desviantes da norma. Nesse mesmo contexto, pode-se falar da reiteração da homossexualidade como categoria patológica e como forma de reforçar a heterossexualidade e o modelo familiar monogâmico como única possibilidade aceita para o social e político.

Percebemos que esse modelo de família nuclear produzido como normal em articulação com o discurso religioso conservador se articula de maneira a promover o discurso de uma única maneira de viver/ser família. Projetos educacionais que busquem promover qualquer ranhura nessa tessitura são vistos como ameaça à família tradicional; logo, tornam-se alvos de setores reacionários da sociedade, embora haja movimentos de resistência que não passam despercebidos, reivindicando novas formas de viver as sexualidades e outras acepções possíveis para modelos familiares.

E é nesse cenário que as redes sociais estão inseridas e percebemos que se tornam importantes ferramentas de luta contra esses movimentos neoconservadores. Em especial, verificamos que o Instagram proporciona aos seus/suas usuários/as poderem visibilizar outras formas de viver com HIV/aids, que possibilitam diminuir o preconceito e o estigma. Do mesmo modo, torna-se um local de disputas entre os significados sobre as masculinidades de PVHA. Se no cenário atual em que discursos neoconservadores disputam os espaços institucionais – escolas, política, família, etc. –, alicerçar formas de masculinidades que transgridam as normas do sistema gênero-sexo-sexualidade torna-se uma estratégia importante no combate à sorofobia. Entre as estratégias mobilizadas por Vitor Ramos, destacamos as que possuem um endereçamento voltado para um público de homens gays cisgêneros.

Em relação ao *reel* selecionado outro possível ensinamento contido está vinculado a como lidar com o diagnóstico e os possíveis parceiros sexuais. Nesse sentido, reforçamos a tese de que a aceitação não seria apenas um processo da PVHA, mas passa pelo crivo de outras pessoas. O estigma e o preconceito tornam-se fatores geradores de medo e fuga de eventuais parceiros, como destacado pela legenda “as pessoas precisam perder o medo [...]”. O que possivelmente estaria articulado aqui é uma desconstrução das noções de risco em relação ao HIV/aids.

Partimos do conceito de risco apresentado pelo pesquisador Luis David Castiel (2011, p. 47), que o define como uma “noção/conceito supradisciplinar que transita simultaneamente por diversos territórios de saber e de conhecimento [...]”; em relação ao HIV/aids, percebemos que a construção discursiva médico-epidemiológica da pandemia produziu um “enfoque aversivo” (CASTIEL, 2011, p. 47), isto é, um corpo-risco, em nosso caso de caráter iminente, que caracteriza-se como uma afronte à saúde pública, colocando em risco os/as seus/suas parceiros/as.

Positivado, o risco atua como uma forma de superação da rotineira vida cotidiana ao propor modos de estar no mundo que elegem assumidamente a determinados riscos um legítimo estatuto de lugar de exercício de autonomia, e inclusive de afirmação crítica a imperativos morais dominantes. Além disto, o perfil coletivo de riscos de grupos sociais precarizados serve para focar suas condições de vida à mercê dos ditames das desigualdades sociais. (CASTIEL, 2011, p. 48).

A produção de um corpo-risco iminente configura-se como uma produção das primeiras décadas de pandemia e ainda circula na cultura da atualidade. Nesse sentido, a

produção e circulação de imagens no seu perfil, como a do *reel*, que divulgam a sua situação de bem-estar em um pós-diagnóstico associado à imagem descolada e jovial, atuando como estratégias de colocar em circulação outras representações sobre como viver com HIV/aids. Utilizar bonés e roupas de marcas famosas parecem funcionar como estratégias de desvincular-se desse corpo-risco iminente. Logo, poderíamos vincular a estratégia do influenciador articulada com uma normalização dos corpos masculinos das PVHA, no sentido de conformá-los com as regulações de corpo-gênero-sexo possivelmente como forma de diminuir o estigma sofrido. Como analisado por Claudia Cunha (2018) os recursos terapêuticos da atualidade provocaram um borramento nas noções de risco. Se nas primeiras décadas o risco estava inscrito nos corpos das PVHIV através das marcas e chagas da aids. Na atualidade, haveria uma dificuldade na distinção entre potenciais infectados ou não devido a cronicidade da doença que permite uma vida saudável. Como tal efeito, haveria um esvaziamento do movimento de luta e enfrentamento ao HIV/aids através das articulações da sociedade civil organizada.

Segundo Richard Parker e Peter Aggleton (2021), o estigma e o preconceito atuam de forma simbólica e operam como forças de exclusão e marginalização dos sujeitos. Portanto, a música, que funciona como sonorização para o vídeo, serviria como hipertexto para marcar essas relações de masculinidades, que poderíamos chamar de *positivas* que são “abandonadas [...]”, com “ansiedade” e o “coração desesperado”, isto é, marginalizadas de forma sistemática devido à condição sorológica. Ainda que os recursos medicamentosos da atualidade garantam a intransmissibilidade do vírus, sob a guisa desses autores, o HIV/aids permanece como fenômeno social e cultural que geram exclusão. Para tanto, representar-se saudável e com aparência forte, aproximando-se de uma masculinidade hegemônica, torna-se uma estratégia de normalizar ou tornar comuns os rostos das PVHA.

Em relação ao combate à discriminação no âmbito social, o Brasil tornou obrigatório o sigilo em relação ao diagnóstico ao HIV, HBV e HCV através da lei n. 14.289/2022. A estratégia da legislação é assegurar o direito das PVHA de escolher com quem dividir o seu diagnóstico. Nesse sentido, evitar que dentro dos serviços de saúde profissionais divulguem o diagnóstico ou dentro do ambiente de trabalho ou familiar que colegas, amigos e/ou familiares compartilhem sem o consentimento da PVHA. Em contrapartida, projetos de lei como o ‘escola sem partido’ ou o combate a suposta ‘ideologia de gênero’ afastam as discussões sobre equidade de gênero e diversidade

sexual do âmbito da escola, reforçando os estigmas e preconceitos em relação a essas duas categorias, que no contexto de epidemia de HIV/aids corroboram com a exclusão dos sujeitos. Além do mais, não colaboram com a desnaturalização dessas construções. Ao contrário, retroalimentam o discurso do senso comum.

Ainda que a supressão viral, ou seja, estar indetectável, funcione também como uma técnica preventiva e um método eficaz de não transmissão do vírus, implicando em baixos riscos para uma possível infecção por HIV/aids, a negociação em relação aos prazeres passa pelo limiar de enfrentar os preconceitos e o estigma que são estabelecidos na noção de risco. Como argumentam Castiel (2011) e Silva (2012), os riscos podem ser concebidos como desafios ou percebidos pelos sujeitos como algo distante e longínquo de sua realidade, frequentemente traduzidos em falas como “nunca imaginei que isso aconteceria comigo” ou “só pega essa doença quem quer”, enunciados recorrentes veiculados em propagandas e campanhas de saúde do governo federal. Nesse sentido, ao estar se relacionando com uma PVHA a construção de um corpo-risco iminente é forjada, para tal o trabalho dos influenciadores gira em torno de desconstruir os estigmas relacionados com as PVHA, ao mesmo tempo em que reforçam uma representação de homem cisgênero. Portanto, estar com uma aparência saudável ou colocar o corpo em destaque tornam-se estratégias importantes para naturalizar os corpos soropositivos associadas às masculinidades *posithivas*, distanciando-se da noção de corpos-riscos iminentes.

Considerações finais

Os ensinamentos sobre o diagnóstico do HIV/aids nos mostram que as discussões propostas pelos influenciadores digitais circulam em torno da aceitação, da superação e da (des)construção das vivências e significações dadas aos corpos, por exemplo, no início da epidemia, reafirmando-o agora, tanto em corpos quanto em masculinidades, nas formas que consideram *posithivas*. As representações de masculinidades soropositivas aqui são constituídas em contraposição às noções de corpo-risco iminente, ainda que os neoconservadorismos da atualidade tragam barreiras no enfrentamento da pandemia do HIV/aids, em especial, no seu caráter social e cultural, limando tais discussões de espaços escolares ou de políticas públicas voltadas para a luta contra o preconceito e o estigma. Além do mais, as masculinidades *posithivas* aqui

parecem apropriar-se da corporalidade das masculinidades heteronormativas no intuito de ressignificar a vivência com HIV/aids.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Revista Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio 2015.

AYRES, José Ricardo; PAIVA, Vera; FRANÇA JUNIOR, Ivan. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. *In*: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cassia Maria. **Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção da saúde: livro: da doença à cidadania**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 71-94.

BIROLI, Flávia. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. 86p.

BIROLI, Flávia. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020. 224p.

BONIN, Iara Tatiana.; RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lucia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi. Por Que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 1-16, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020a. 288 p.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020b. 288p

CASTIEL, Luis David. Loucuras da razão: subjetividade e corpo-risco. *In*: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida**. Rio Grande: FURG, 2011. p. 47-58.

CONNELL, Raewyn. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CRUZ, Elizabete Franco. **Espelhos d'AIDS: crianças e adolescentes nas tessituras da AIDS**. 2005. 257f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

- CUNHA, Claudia Carneiro da. Configurações e reconfigurações do movimento de jovens vivendo com HIV/AIDS no Brasil: identidades e prevenções em jogo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 294-312, 2018.
- DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte**. 3. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018. 114p.
- DUQUE, Tiago; SEFFNER, Fernando. A EPISTEMOLOGIA DO SEGUNDO ARMÁRIO: canais de gays hiv+ no youtube como artefatos pedagógicos. *Vivência: Revista de Antropologia*, Natal, v. 1, n. 60, p. 95-115, 2022.
- ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 9-76.
- SILVA, Jeane Felix da. “**Quer teclar?**”: aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais. 2012. 212f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 22, p. 15-46, jul. 1997.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. 260p.
- HINE, Christine. **Etnografía virtual**: Colección nuevas Tecnologías y Sociedad. 1. ed. Barcelona: Editorial UOC, 2004. 214p.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 432p.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2014. 408p.
- KARHAWI, Isaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 46-61, jan. 2017.
- LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p. 15-48, jul./dez. 2000.
- MAGNUS, Dilan. Influenciadores da Prevenção: representações de masculinidades de pessoas vivendo com hiv/aids no instagram. 2022. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2022.
- MANN, Jonathan. Human rights and the new public health. **Health And Human Rights**, New York, v. 1, n. 1, p. 229-233, jun. 1995.
- MELO, Lucas Pereira de. Aids, tempo e suas renitências: socialidades, emoções e políticas em uma rede social on-line. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-23, 2020.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-62.

OMS. **Dezembro vermelho**: campanha nacional de prevenção ao HIV/Aids e outras infecções sexualmente transmissíveis. Brasil: Ministério da Saúde; Biblioteca Virtual em Saúde, 2017. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/dezembro-vermelho-campanha-nacional-de-prevencao-ao-hiv-aids-e-outras-infeccoes-sexualmente-transmissiveis/>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Estigma, discriminação e Aids**. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2021. 108p.

PINHEIRO, Thiago Félix; COUTO, Márcia Thereza. Homens, masculinidades e saúde: uma reflexão de gênero na perspectiva histórica. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 53-67, 2008.

PRECIADO, PAUL B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N1, 2014. 246 p.

RENASCIMENTO. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [online]. 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/renascimento>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 111-132.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil**: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção; 1986-2000. 2002. 312 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan. 2007.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. 360p.

SIMÕES, Júlio Assis. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de HIV-Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 313-339, 2018.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**: AIDS e suas metáforas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 158p.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. *In*: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (org.). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997. p. 98- 145.

TERTO JR., Veriano. Soropositividade e políticas de identidade no Brasil. *In*: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard (org.). **Sexualidade pelo avesso: direitos, identidade e poder**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 99-120.

TREICHLER, Paula. **How to have theory in an epidemic: cultural chronicles of aids**. Durham: Duke University Press, 1999. 453p.

UNAIDS. **Zero discriminação nos serviços de saúde**. Brasil: Unaid, 2018.

VEJA. **Revista Veja**, São Paulo, edição 1.077, 24 abr. 1989.

YOUPIX. **7 tipos de influenciadores e suas principais contribuições para as marcas**. [online]. Medium, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://medium.youpix.com.br/os-7-tipos-de-influenciadores-para-sua-campanha-digital-a6e927ebfdff>. Acesso em: 11 out. 2022.

ZAGO, Luiz Felipe; GUIZZO, Bianca Salazar; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Problematizações éticas: inquietudes para a pesquisa em educação com gênero e sexualidade. **Revista Inter Ação**, Goiania, v. 41, n. 1, p. 189-211, jan. 2016.

Recebido em maio de 2023.
Aprovado em agosto de 2023.